

# REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA --- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

Rio de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil . . . . 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa, Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulau & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Alemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.

**SUMMARIO.** — I O Dr. Sylvio Roméro e a Historia da Litteratura Contemporanea, o polemista, por Araripe Junior. — II Quer queiram quer não, por J. M. Moreira Guimaraes. — III Convenção litteraria com Portugal. — IV Poesias, por João Ribeiro. — V. Chronica. — VI Jólo Mandy, por Lucio de Mendonça. — VII Da educação, por Herbert Spencer. — **Bibliographia Brazileira.** — Imposto na França sobre livros franceses impressos em paiz estrangeiro.

## O Dr. Sylvio Roméro e a Historia da litteratura brasileira

O POLEMISTA

(v. e n.º 15)

Para que se possa formar ideia de toda a extensão da colera litteraria do Dr. Sylvio Romero durante a primeira phase de sua carreira como critico, contra esse Brasil, que elle, usando da phrase de Paul Louis Courrier considerava *le plus valet de tous les peuples*, basta attender-se ao que, entre os desoito e os vinte e cinco annos, pensou, disse e escreveu a respeito de philosophos (*Philosophia no Brasil*), de sabios e naturalistas (*Ethnologia Selvagem*), de criticos e de politicos, no *Trabalho* e outros jornaes provincianos.

Justiça se lhe faça; aquella mesma irri-taçao, tornou-o um dos mais efficazes propagandistas das ideias que hoje vão avas-

salando o paiz. A sua demagogia litteraria era a mais propria para levantar da inercia habitual o espirito brasileiro; e os factos tem-se encarregado de demonstrar que, si somos capazes de progredir e seguir os adiantamentos do espirito nos seus mais audazes vôos, não o conseguimos senão por sobresaltos.

A reflexão nos tropicos é tardia, e o pensamento philosophico só se manifesta depois de agitada a natureza. Ainda ha pouco vimos como se fez a reforma do elemento servil tocada por um grande sopro sentimental, e qual o papel que a vergasta da satyra representou contra o azorrague do fazendeiro durante todo esse periodo de agitação. Mas tambem é muito verdade que, passado o tufão e postos de pé por esse abalo que a muitos pareceu ou inconsequente ou tresloucado, muitas energias que jaziam no esquecimento de si mesmas se levantaram; começou-se, então, a pensar, a reflectir e a combinar; e é sufficiente comparar a imprensa destes dias com a de oito ou dez annos atraz para

vêr-se quanto caminhamos e quanto modificaram-se os nossos hábitos mentais.

Nem todas as raças se apresentam dotadas de força continua para o trabalho. Como certos individuos, os povos em dadas condições precisam ser irritados e estimulados para proseguirem.

Foi irritando e incomodando os proprietários rurais que os abolicionistas talvez abreviaram a queda da condemnada instituição.

A posse mansa e pacifica não existe na natureza; e si a legislação civil consagrалhe um dos seus mais importantes capítulos, é isto devido a systematisação do egoísmo dos que estão a seu gosto contra as pretensões dos que hão de vir.

A expropriação litteraria que era muito necessária no Brasil, e que o Dr. Sylvio Roméro tentou de modo rude, deu lugar ao uso de interdictos possessorios.

Mas não antecipemos.

Saindo do Recife, o illustre critico andou primeiro a circumvallar o Rio de Janeiro.

Esteve exercendo o cargo de juiz municipal em Paraty, e este período foi todo de próveitosa incubação. O critico, que se interessava mais pelos estudos anthropologicos do que pelos seus jurisdiccionados, leu e releu o que pôde e juntou os elementos para os tres volumes de *folk lore*, que anunciaram pelas columnas d'*O Combate* a existencia do sergipano, cujo nome muita gente supunha um simples pseudônimo.

Pode-se calcular o grau da nostalgia que pesava sobre a alma do critico, por esse tempo, diante da perspectiva de uma presa tão longinqua. Superactivar as faculdades e não achar logo um terreno apropriado onde exercel-as, eis um suppicio só comparável ao de Rogerio no Dante. Essa ansiedade não tardou, porém, a encontrar seu termo. Em 1879 o Dr. Sylvio penetrava na grande cidadela e imediatamente o seu nome aparecia ao lado do de Lopes Trovão e outros publicistas, assignando artigos nas columnas do jornal democrático, cujo nome atraç citei.

Estes artigos, que hoje correm em volume com o título de *Critica parlamentar*, marcam o começo da segunda phase da vida do polemista, na qual deslocou-se o eixo da sua irritação para não mais

volver-se em torno da inferioridade mental do Brasil como nação, mas para preocupar-se exclusivamente com as pretensões da Corte ou melhor do sul do imperio.

As vistas do critico voltaram-se, então, sympatheticamente para os esforçados companheiros de lutas que elle deixara em Pernambuco.

Não devemos exigir que um individuo exclua em nosso favor as suas aféições mais naturaes. Fosse por que motivos fosse, o autor da *Historia da litteratura brasileira*, achou que no Rio de Janeiro não havia um só homem que podesse competir em estatura intellectual com o Dr. Tobias Barreto.

Como é facil imaginar, esta afirmação poz de sobreaviso os que eram mais de perto ameaçados de expropriação dos títulos de benemerencia litteraria; e estes crearam logo um apodo espirituoso para rebatter a pretensão. Disse-se que o Dr. Sylvio era o coripeu da escola a que deram o nome de TEUTO-SERGIPANA, e não houve desproposito que se não atribuisse ao grupo capitaneado em Pernambuco pela professor germanisante.

Entretanto semelhante contradicta produziu o seu effeito natural. Obrigou o critico recem-chegado a extremar-se cada vez mais nas suas preferencias pelo norte. E quanto a estas preferencias custa-me agora negar-lhe carradas de razão.

Si é verdade que o autor da *Historia da litteratura brasileira* se deixava arrastar por sentimento, a que se podia dar o nome de despeito, não é menos exacto que o contraste, por elle encontrado entre a vida intellectual do sul e a que deixara na província, era suficiente para justificar, até certo ponto, a sua posição de combatente.

A sociedade do Rio de Janeiro estava constituida de modo muitissimo diferente. No norte, por exemplo, o Dr. Sylvio nunca vira interesses systematisados: e muito menos uma vida subterranea como a que accusam orgãos da estatura do *Jornal do Commercio*; nem um sceptecismo pratico como o do Sr. Lafayette; nem audacias calculadas, como a de tantos oradores e parlamentares que aqui o impressionaram. Ao contrario disso, elle estava acostumado apenas com a indisciplina originada da pobreza daquellas regiões, e com a vida descuidada, clara, transpa-

rente, ao relento, dos sertanejos de Sergipe, onde, na ausencia de machinas e de grandes captaes, os homens pouco se importando com o futuro, nada receiam do ambiente social. E tendo ali convivido com o tradicionalismo, ainda que attenuado, das liberdades de 17 e 24; se bem que com a morte de Feitosa se houvesse dissolvido a paixão cultural dos manes de Nunes Machado e os entusiasmos dos praieiros, sobrava-lhe ainda a figura de J. Mariano, que vinha lembrar-lhe de vez em quando, a possibilidade da renascença dos caudilhos.

Todas as afoitezas que por lá, não obstante a depressão, ião perdurando, de repente tomavam no espirito do critico um volume colossal, e o Dr. Sylvio, olhando para a hierarchia dos sulistas, vio que tudo se entrosava sob o influxo do interesse, e que o interesse era a propria escravidão, tartaruga enorme e mysteriosa, que, como a da mythologia indostanica, sustentava sobre o dorso todos os andares do grande edificio social.

ARARIPE JUNIOR.

---

### Quer queiram, quer não...

#### III

Não padece duvida nenhuma: nossas idéas, nossos sentimentos, nossas accções, ou—melhor ainda—tudo o que vae pelo mundo está precisamente subordinado á fatalidade das leis naturaes.

Em dous pequenos escriptos mal traballados, fizemos sentir esse alguma cousa de irresistivel, fatal e inevitavel, que se nos depara lá no fundo ignorado da contextura complicadissima de qualquer manifestação phenomenal. Procurámos mostrar a positividate das leis que são relações que se descobrem e não se criam; frias e inflexiveis, naturaes e modificaveis em sua intensidade, que se nos impoem pelas proprias condições em que se nos revela toda a phenomenalidade. Deixámos isso affirmado em dous singelos artigos, que, graças especialmente á gentileza de coração e de espirito de João Ribeiro,—um

grande caracter sergipano e philologo distinctissimo,—tivemos a honra de publicar nesta revista.

E desse modo, ante a nossa consciencia individual, collocámos-nos em uma luta, aberta e franca, vibrando golpes contra o sobrenaturalismo inutil e avelhentado da doutrina catholica e de todas as outras, essencialmente metaphysicas, que infelizmente ainda se abrigam nos reconcavos da ignorancia humana. Temos levantado a fraqueza extrema da nossa intelligencia de encontro a vitalidade apparentemente organica desses desacreditados e esdruxulos systemas philosophicos, buscando sempre, e em todo momento de feliz oportunidade, o esmagamento completo de umas tantas idéas perniciosas da esterilizante escola fatalista, que prega, ás escancaras, a eliminação da propria personalidade, a ausencia absoluta da autonomia humana.

E estaremos continuamente em o nosso posto, em defeza desses conceitos que nos vão pelo cerebro, espontaneamente, sem o trabalhar fatigante de uma larga abstracção, á simples vista do espectaculo exterior. Todos esses pensamentos, bastante distanciados do calor irradiante de umas doudas imagens litterarias, entram-nos mesmo pelo espirito a despeito de tudo, para que não se torne estranha essa posição, que bem conscientemente assumimos; reconhecendo não obstante a pequenez da nossa estatura intellectual.

Lutaremos pela existencia universalizada do unico dogma possivel, que é o da religião evolucionista; havemos sempre de nos apresentar á campo, batendo-nos pela diffusão dos conhecimentos do conjunto das leis naturaes, estatico-dynamicas, nas camadas populares; porque dest'arte o ser pensante por excellencia — que é o homem,—em consciencia do que lhe gyra em derredor, não mais poderá se mover ignorantemente, estupidamente; não mais esbarrar-se-á de encontro a providencial e esmagadora fatalidade positiva das accções comicos-sociaes, vergando de quando em vez sob o peso, friamente terrível e doce, dessa fatalidade bem sentida e comprehendida, que se contrapõe a da *Providencia divina*, enganadora e metaphysica. Demais, as leis que presidem a evolução dos phenomenos sociaes e cosmologicos sempre existiram, existem e existirão eternamente pelo mundo organico e anorganico, ora—

arrastando-nos, muitas vezes em que peze ao nosso *eu* individual, para bem longedas nossas mais vivas necessidades, dos nossos proprios interesses, em virtude da noute escura que nos envolve o pensamento, ora approximando-nos da larga extensão ideal de umas douradas illusões que nos acentam.

Realmente precisamos antes de tudo— como preliminar indispensavel á explanação de qualquer phenomeno—da formação lucida, perfeita, do sentimento das leis naturaes—que regulam as manifestações variadissimas da sociedade e do mundo physico, bastante diferentes das pretendidas leis que são verdadeiras regras inconscientemente formuladas, ignorantemente estabelecidas pelos parlamentos de todas as epochas. Carecemos indubitavelmente desse alicerce das construções humanas; necessitamos sem duvida desse ponto de apoio em que se alevantam, evoluindo sempre, não só nessas idéas senão tambem nossos sentimentos e por conseguinte nossas accções collectivas ou individuaes. Precisamos de toda essa luz effективamente derramada pelo orbe do pensamento, para que não mais se nos apparecam, em politica, os que por ahi fóra se debatem, se agitam, com o rotulo ingenuo de monarchistas, sectarios abstrusos de uns governos por graça de Deus—que é existencia imaginada por uns cerebros inflamados, cheios de ardentes e mysticas inspirações—e somente espíritos emancipados, democratas por sciencia e consciencia, que comprehendem a sociedade como um vasto organismo, complexo, subordinado á leis fataes, inflexiveis, naturaes. Mais ainda: ella tambem nos é necessaria e bastante para que, no dilatado e vastissimo campo da philosophia, não se nos alevantem ao nosso encontro uns pretensos *systematicos*, adversarios do Evolucionismo, que se organisa a custa de todos os esforços, como uma creaçao genuinamente popular, como um prolongamento bem acabado do saber inconsciente da humanidade.

E' nos indispensavel tudo isso, para nos convencermos do determinismo hodierno nas accções humanas e em tudo o mais. E' uma necessidade o conhecimento do dogma positivo das leis naturaes.

Rio, em 89.

J. M. MOREIRA GUIMARÃES.

DECRETO N. 10.533—DE 14 DE SETEMBRO  
DE 1889.

Manda executar o ajuste feito entre o Brazil e Portugal sobre a propriedade das obras litterarias e artisticas.

Hei por bem ordenar que seja executado do 1º do proximo novembro em diante o ajuste constante da declaração firmada nesta Corte em 9 do corrente mez de setembro, pelo qual os Governos do Brazil e de Portugal concordam em que os autores de obras litterarias escriptas em portuguez, e das artisticas de cada um dos dous paizes, gozem no outro do mesmo direito de propriedade que as leis ahi vigentes ou as que forem promulgadas concedem ou concederem aos autores nacionaes.

José Francisco Diana, do meu Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, assim o tenha entendido e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro aos 14 dias do mez de setembro de 1889, 68º da Independencia e do Imperio.

Com a rubrica de SUA MAGESTADE O IMPERADOR.

*José Francisco Diana.*

O Governo de Sua Magestade o Imperador do Brazil e o Governo de Sua Magestade El-Rei de Portugal e dos Algarves, animados do mais vivo desejo de estreitar e consolidar os vinculos de amizade que unem os dous paizes, concordaram em que os autores de obras litterarias, escriptas em portuguez, e das artisticas de cada um delles, gozem no outro, em relação a essas obras, do mesmo direito de propriedade que as leis ahi vigentes ou as que forem promulgadas, concedem ou concederem aos autores nacionaes.

Este accordo começará a vigorar desde o primeiro dia do mez de novembro do corrente anno.

Decorridos dous annos desde a data da assignatura, cada um dos dous Governos terá o direito de fazer cessar os effeitos do mesmo accordo prevenindo o outro com um anno de antecipação.

Em fê do que, os abaixo assignados, devidamente autorizados pelos seus res-

pectivos governos, fizerem lavrar a presente declaração e a firmaram e sellaram,

Feita em duplicata no Rio de Janeiro.  
aos 9 de setembro de 1889.

(L. S.) José Francisco Diana.  
(L. S.) D. G. Nogueira Soares.

## MUSEON

(N. 4.)

*Este vaso quem fez, por certo sel-o  
Folhas de acanho e parras imitando.  
E' de ver-se a aza fosca o setestrello  
De saboroso cacho elevantando.*

*Que desejo viria de sorvel-o  
Os gomos todos um a um sugando.  
Quando, contam, dos passaros o bando  
Do céo descia prestos a bebel-o.*

*Examina este vaso. N'um momento  
Crè-se vel-o a voar, o movimento  
D'aza soltando, como aereo ninho...*

*Será verdade que este vaso vda  
Ou por ventura à mente me atordão  
Seu capitoso odor de antigo vinho?*

## Intermezzo

*Vou rôl-a nesta hora.  
Digam, pois, que sahi aos meus amigos.  
O sol é claro; ha muito é vinda a aurora.  
Foram co' a noite os horridos perigos.*

*O meu relogio! o teu ponteiro appressa,  
As horas corre dedicado e attento,  
Antes que o meu amor cresca, recresça,  
E me devôrre o derradeiro alento.*

*Os teus ponteiros examino, e ancio  
Pelo feliz momento desejado.  
Mas um raio te parta pelo meio  
Se estás atrazado.*

1886.

## MUSEON

(N. 5.)

*Nitrem fogosos os cavallos. . rô-se  
Do freio em frocos a cahir a espuma.  
Cavalleiros, parae! a noite desce,  
Cae o manto extensissimo da bruma.*

*Dentro de pouco pallida apparece  
A branca lua. Estrellas uma a uma  
Do campe azul por onde a luz reguma  
Formam nos ermos a dourada messe.*

*Então, ide-vos, rapidos, levando  
Os ríjos corações sob a couraça...  
Porem cautos que sois vades lembrando*

*Que resistente à lança, esta carcassa  
Subtil e surrateiramente o brando  
Amor vezes e vezes a traspassa.*

## MUSEON

(N. 6.)

*Telasippa, honra a Theos! à pyra em brasa  
Ajunta o fogo e mais prouvera ao Nume  
Ardel-o em ti do que no pollen dá aza  
Do astro que a chamma celestial consume.*

*Crepita o sacro rhodo dendro, abrâsa  
A oliva em lascas cheias de perfume.  
Vivo este fogo, Telasippa! o lume  
Vivo, honra a Theos, em sua ingente casa!*

*Ai d'aquella que um dia aos ermos lares  
Deixar a chamma virginal desfeita,  
Azul, torcida, relambendo os ares,*

*E tremula apagar-se. Ai della! feita  
Uma estatua de oinza nos altares  
Sujeita ao crime e a todo o mal sujeita!*

## ÆRE PERENNUS

*O meu desejo era habitar contigo  
A solidão d'um velho parque em ruinas,  
Lá, minha casa branca entre collinas,  
Lá, sob a ogiva d'heras, o postigo...*

*A porta aberta e vozes peregrinas  
Por ella a dentro a conversar commigo,  
E ao pé do rio sob as casuarinas  
A tosca pedra, o perennal jazigo.*

*E lá, teu nome—em cespede maldita  
A fragmentos gravado, sobre as fontes,  
Aqui na leiva, alem sobre os escombros...*

*E sobre as folhas todas sempre escripta  
Essa triste palavra igual a montes  
E a cordilheiras postas nos meus hombros.*

1887.

**Chronica ás pressas**

LUCIO DE MENDONÇA. *Esboços e Perfis.*  
Rio, 1889, 8.<sup>o</sup>.

Chego tarde para dar noticia d'este livro notabilissimo de um dos nossos mais apurados escriptores.

Pouca cousa posso dizer a respeito dos *Esboços e Perfis*, trabalho que considero um bom titulo de gloria do auctor. A critica indigena já se exprimiu em termos cuja lisonja está com certeza ainda abaixo do merito d'esse livro.

Quem não conhece esse talento volubilissimo, variado, aqui, alli, na critica, na poesia, no folhetim, com a sua sonora flexibilidade de garganta de passaro, com o seu perenne sorriso—bonina que a noite do pessimismo fez desbrochar nos labios do homem culto e honestissimo?

Pois saibam que os *Esboços e Perfis* não são documentos bastantes para constituir na sua figura intellectual, integral e perfeita. Ha pessoas que só podem tirar o retrato em estatua e nunca no plano unico d'uma tela. Pela multiplicidade de suas culminancias necessitam do relevo, e da figuração em solido, que a perspectiva sonéga á critica e ao conspecto.

Lucio de Mendonça é um dos melhores talentos da mocidade brasileira contemporanea; espirito rígido e forte, polemista estudioso, poeta de valor, humorista principalmente, digno de uma grande civilisação, pela delicadeza do seu processo de rir, do seu sistema de remoques tão separado da chufa portugueza, mesclada atavisticamente do estado consuetudinario de uma psychologia collaborada pelo unto e pela pinga.

Em Paris, estaria ao lado de Armand Sylvestre, Mendès, entre Maupassant e Grosclaude. Mas é em Maupassant que se acham os melhores traços physiognomicos de Lucio—a profundezá lyrical, a poesia em accão, em todos os tons do espectro intimo, desde a dor violacea eatra do desespero até a rubra alacridade da juventude.

Quem nunca leu a *Boule de Suif* ignora Maupassant. Quem deseje conhecer a seiva lyrical do joven prosador brasileiro, leia o *João Mandy*.

D'esse conto que é uma obra prima, fa-

remos a transcripçāo, pedida a venia ao seu auctor.

O nosso collega João Ribeiro recebeu uma carta honrosa do Dr. von Reinardstöettner, professor das linguas e litteraturas romanas da Escola Central de Munich—onde o illustre philologo declara que vae escrever na *Literaturblatt* uma noticia circumstanciada dos trabalhos philologicos do nosso confrade.

**João Mandy**

## I

Todo aquelle marçō foi mez de chuvas abundantes; nem um dia brilhou o sol, e as raras estiadas, de luz pallida e fosca, descobriam, ao pé da casa do barqueiro, poucas braças da estrada coberta de lama, entre os campos esfumados pelo nevoeiro: alguns passos para baixo, era este rasgado pelos galhos altos dos ingázeiros que orlavam o rio; e alli a agua barrenta, volumosa, transbordando para as margens, rojava marulhando.

Já as primeiras sombras do anoitecer vinham aggravando a desconsolada melancolia da tarde, quando das bandas de Pouso Alegre veio chegando, ao passo miudo de uma besta viageira, um individuo bem apessoado, com polainas de borracha sobre as botas, capa impermeavel no chapéu e outra cōr de cinza, que o abafava desde o pescoco até abaixo dos joelhos.

Seguia-o, pouco atraz, um caboclinho, conduzindo adeante do sellote a mala de roupa do patrão.

Ao tropel dos animaes, apareceu á janellinha da extrema esquerda da casa o busto dumha bonita mulher morena, cujo cabello negrissimo emoldurava uma testa admiravel, pensativa e tranquilla; mas a grande maravilha daquelle rosto acabadamente mineiro, eram os olhos, amplos, luminosos, idylicos, tão afogados em ternura que se diriam lampadas mysteriosas accessas por magia divina para alumiar os momentos supremos da paixão.

Parece que o viajante conhecia já todo

o ardente prestigio daquellas joias, pois num relance d'olhos namorados bebeu-lhes a luz ternissima; e, ao calor do aereo beijo, uma onda de rubor delicioso invadiu a doce pallidez da face morena.

Estacando a besta á porta, apenas fechada por uma meia cancellinha de grade, apeou o cavalleiro, confiando ao pagem as rédeas molhadas; e, destaramellando a cancella, penetrou na saleta da casa, de telha vã, e sacudiu no chão de terra batida as botas encharcadas.

Tirava-lh'as o caboclinho, puxando-as com o esforço e o movimento ondulado que tal empreza requer, e já do interior chegava uma negrinha trazendo, na bandeja mais nova da casa, duas chicaras azues, donde se evolava a fumaça cheirosa do bom café coado de fresco.

Sorveu o viajante os goles saborosos, sacou do bolso um charuto e, reclinando-se na cama a que estava sentado, um velho catre a que as taboas do forro haviam sido substituidas por uma rête de correias, entrou a enviar fumaçadas vagarosas para os altos caibros do tecto, donde pendiam as bambinellas do picumã.

Veio luz para a sala, e a toalha de algodão, estendida na meza, anunciou agradavelmente o jantar.

O rapaz, que o era o viajante, com as suas oito leguas por um dia de chuva e estradas homicidas, cochilava beatificamente, quando a mesma portadora do café o chamou para o jantar.

Estava na sobremesa, a classica tigelinha de leite denso e amarellado, com farinha de moinho, como lá chamam ao fubá torrado, e já cabeceava de sonno, quando entrou de fóra um robusto homem de calças arregaçadas até os joelhos, mostrando as fortes pernas musculosas, e a camisa desabotoada no pescoço, deixando vêr o peito cabelludo.

Deitou um olhar pouco satisfeito para o hospede, e, sem tirar o chapéu de palha grosseira, foi entrando, sem mais cerimonia do que atirar-lhe de passagem e muito seccamente:

— Deus lhe dê boa noite.

Pouco se incomodou com isto o hospede; reconhecerá o barqueiro do porto, o João Mandy, dono da casa e marido da bella mocetona que tão diversamente o acolhéra á chegada.

Depois que o camarada tambem jantou e retirou-se, a negrinha mostrou ao hos-

pede o seu quarto, e já sahia, quando elle, travando-lhe do braço, lhe segredou quasi ao ouvido:

— Diga a sinhá que não falte, de madrugada!

## II

Na manhã seguinte, chovia a torrentes; mas o hospede declarou que precisava estar naquelle dia, sem falta, na Campagna; que iria almoçar em S. Gonçalo; que lhe fossem passando os animaes, enquanto tomava café; que já ia.

O barqueiro, a quem fallava, meneou imperceptivelmente a cabeça, e sahia.

Mal desappareceu este pela porto da frente, entrou furtivamente na sala uma adoravel rapariga morena, a mesma que na vespera chegára á janela; foi na pontinha dos pés até ao banco em que o rapaz estava; inclinou-se-lhe sobre o hombro e beijou-o apaixonadamente na bocca.

— Olha, filho, que o João parece que já vae desconfiando; na volta, não pouses aqui, sim?

— Másinha! disse o hospede, cingindo-a com o braço e estreitando-a a si.—que me importa aquelle bruto! desconfie quanto quizer,... mate-me até, .. tudo, menos eu deixar de adorar-te !...

Mas a rapariga expediu um gritosinho surdo e fugiu como uma corça; á porta da entrada surgira de improviso, quasi sorprehendendo-os, a aspera catadura do barqueiro.

O rapaz sentiu um arrepio de medo ao olhar felino com que o homem o fictou, como se fosse saltar sobre elle; mas o outro apenas observou com azedume:

— Está muito comprido o seu café, patrão; já passei os animaes, e tenho mais que fazer: está passando a hora de correr os espinhéis.

E na barca, ao acercar-se da margem opposta, perguntou-lhe com voz estranha:

— E agora quando torna por aqui?

Era um sabbado.

— Na sexta-feira.

— E' sexta-feira da Paixão, notou o barqueiro; máu dia de viagem. Veja se pôde deixar para sabbado.

— Não me embaraço com essas coisas, replicou o rapaz, já mais animado por vêr que a canôa abicára e que a sua besta

o esperava a poucos passos, segura pelo pagem.

Salto, pagou a passagem e o pouso, tirando o dinheiro de farto rôlo de notas, que tornou a enfiar no bolso.

Ia montar, quando o barqueiro empolgou-lhe vigorosamente o pulso.

— Espere um pouco, patrõesinho! pagou o jantar e o milho, mas esqueceu-se do mais caro.

— O que? perguntou o rapaz, muito pallido, com o pulso a doer-lhe como se o tivesse apertado numa tenaz de ferro.

— A cama! disse o barqueiro, com voz surda e sibilante.

— Sim, gaguejou o outro, eu não duvido pagar,... mas pensei que estava incluida...

— Incluida, hein?!... e a mulher tambem, não?... uma mulher como aquella?!...

E inconscientemente apertava-lhe com tanta força o punho que o desgraçado cahiu de joelhos.

O caboclinho, com o braço passado ao pescoço da besta, olhava distraído para a estrada adeante, onde a chuva continuava a bater sem trégua.

O moço levantou-se e, tomado uma resolução, disse, mais calmo, ao barqueiro:

— Está bem! largue-me, e diga quanto quer.

— Ah! quanto quero?... pois sim!... um conto de reis, nem menos uma nota, respondeu João Mandy.

Enganou-se o rapaz por um momento; entendeu que o miserável abusava da força e da posição de marido ultrajado para lhe extorquir dinheiro, e a superioridade moral, a que, por assim dizer, o restituia a infamia do outro, deu-lhe animo para motejar:

— Vá lá; o seu peixe é caro, mas é bom.

E contou-lhe o conto de réis, em cedulas grandes, de duzentos e cem mil réis.

Quando o barqueiro as teve todas na mão, ergueu rapidamente o braço, esfregou-lhe o dinheiro nas faces, uma e muitas vezes, com tal vigor que ensanguentou o papel; depois, amarrando as notas, meteu-as no bolso ao viajante, e disse-lhe com a pausa de uma tranquilidade medonha:

— Vá, mocinho; eu, em pequeno, matei um diabo que se engracou com minha mãe, já viúva e sem ninguem mais por si; fiz muito bem no que fiz, e me livrei no jury, mas soffri tanto remorso que jurei

Nossa Senhora do Socorro nunca mais matar ninguem. Vá em paz; com o conto de réis, que lhe pedi para ficar mais certo da verdade, faça viagem para muito longe; nunca mais me appareça aqui, ou eu falto ao juramento que dei a Nossa Senhora do Socorro!

### III

Chegou a sexta-feira santa; a chuva, que não cessará um só dia, fizera avolumar-se espantosamente o Sapucahy; nunca o rio, que é pouco sujeito a grandes enchentes, subira tão alto; muitas pontes haviam rodado, e raro era o ponto em que podia dar passagem.

O viajante, escapó das garras do João Mandy, logo que passara o periodo agudo do perigo, entrou a duvidar da seriedade deste.

— Qual! dizia consigo, quem quer matar não promette, e se não me matou logo, quando estava certo da injuria ainda flagrante, não me quer, dicididamente, despachar. O que poderei agora fazer, é abster-me do seu peixe, que me pôde sahir caro, devéras; mas preciso tornar para casa, e sem muita volta não tenho outro caminho senão por aquele porto. Volto por lá, está acabado.

E voltou Seriam duas horas da tarde quando o caboclinho, seu pagem, gritou, da margem, que viesse a barca.

João Mandy veio; veio sombrio, saudou o viajante, e perguntou-lhe porque não acreditava nos outros.

— Acredito no que você quizer; mas acredite também que é a ultima vez que lhe dou trabalho; desta foi sem remedio, por que não podia deixar de voltar para casa.

— Voltasse por outro caminho, moço.

Arrependeu-se logo alli o rapaz, só pelo modo funesto como o barqueiro disse aquillo, com voz de grande tristeza, como já lhe pezasse de ir quebrar o juramento: lembrou-lhe, porém que o João Mandy era intimamente religioso, como todo o pescador, e viu nisso a salvação.

— Hoje é sexta-feira da Paixão, dia em que morreu Nossa Senhor Jesus-Christo, pae de todos os homens! Hoje todos somos irmãos, e ninguem deve temer-se de seu irmão!

Parece que, de feito, estas palavras produziram viva impressão no animo do outro.

—Nossa Senhora do Soccorro, minha madrinha, me perdõe ! murmurou em voz baixa.

Julgou-se seguro o viajante, que o ouviu, entendendo que o caboclo pedia perdão á Virgem de haver, sequer, concebido o crime.

—Vá primeiro o camaradinha com os animaes ; o senhor passa por ultimo, ordenou João Mandy.

—Podemos ir todos juntos, observou o moço, calculando que a presença de uma testemunha era uma garantia mais,

—Aqui governo eu, retrucou João Mandy. Anda, pequeno, puxa os animaes !

Desembarcados na outra margem, mandou que o camaradinha seguisse para a casa, que elle lá iria ter, com o patrão , e disse-lhe de modo que o outro não pôde deixar de obedecer. Na margem opposta, o misero rapaz, vendo desapparecer o pagem e os animaes, sentiu no coração a punhalada dos presentimentos que não falham.

—Estou perdido, meu Deus do céu !

Pensou em fugir correndo, mas fôra impossivel : João Mandy, já de volta e a poucas braças, o alcançaria immediatamente ; de botas e esporas com a capa de borracha, por um lamaçal daquelles, era impossivel a fuga !

#### IV

Meia hora passou-se para a angustiada moça, desde que viu voltar o pagem do amante sem que este aparecesse. Esteve anciosa á janella, olhando ávidamente para o lado do rio, donde apenas se ouvia o marulho da agua transbordante ; affigrou-se-lhe que tinham decorrido horas e horas ! foi, tropeça e tremula, abrir o sen oratorio ; accedeu um cirio á imagem grande de Nossa Senhora do Soccorro, e orou fervorosamente como nunca, com todo o ardor de sua alma arrependida.

Nem soube quanto tempo a li esteve assim, naquelle transe cruel ; de subito estremeceu intéira, ao ouvir lá fôra a voz demudada do marido dizer para o cama rada :

—Vá contar em Pouso Alegre que seu patrão morreu afogado.

Junctou as mãos ao seio, onde o coração

como que lhe cessara de pulsar, enquanto bagas de suor gelado lhe manavam das temporas.

A chuva engrossára e cahia agora uma carga d'agua violentissima, entre fuzis e trovões horriveis.

João Mandy chegou á porta do quarto e, ao vêr a mulher prostrada e arquejante, disse-lhe com uma sombria entonação de blasphêmia :

—Não perca a sua reza : com um temporal destes, todos os sanctos do céu estão surdos !

LUCIO DE MENDONÇA.

#### Da educação

DA EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

(Continuação)

com a realidade. Se estes primeiros ensaios são informes, como o quer a lei da evolução, não é isto uma razão para os não ter em conta. Que importa que as fórmas sejam grotescas ? que importa que as côres sejam uma garatuja ? A questão não é saber se a creança faz bons desenhos, mas sim se desenvolve as suas faculdades. Em primeiro logar é preciso que ella se torne senhora dos movimentos da mão, que adquiria algumas noções grosseiras de parecença, e o que ella faz neste sentido é o melhor que convém que faça para attingir o fim, visto que o faz espontaneamente e com prazer. Na primeira infancia não se podem dar noções sérias de desenho. Será prudente reprimir estes esforços de cultura espontânea, ou antes animal-os-hemos, guial-os-hemos como sendo exercícios naturaes do poder de percepção e de manipulação ? Se, dando ás creanças gravuras baratas, para que ellas as colorem e cartas de geographia para que marquem a côres as linhas fronteiras, não estimulamos sómente nellas d'um modo agradavel a faculdade do colorido, como lhe proporcionamos accessoriamente algum conhecimento das cousas e dos paizes e a aptidão de manejar o pincel com mão firme; e, se fornecendo-lhes objectos que as incitam a imitarem, entretemos

n'ellas o habito instinctivo de fazer reproduções, por mais grosseiras que possam ser, succederá que ao chegar o tempo de lhes dar lições de desenho, encontraremos n'ellas uma facilidade que não teriam alcançado sem isto. Ter se-ha ganho tempo e economisado esforços ao discípulo e ao professor.

Do que acabamos de dizer pôde facilmente inferir-se que condemnamos a práticas de fazer desenhar as creanças segundo os modelos, e mais ainda esse método de certos professores as obrigarem a começar por linhas rectas, linhas curvas e linhas mixtas. Lastimamos que a sociedade de bellas artes, na sua serie de Manuaes de *Instrucção artistica elementar*, tenha apoiado com a sua auctoridade, uma obra de desenho elementar, a peior que conhecemos. Queremos falar do *Esboco segundo o esboço ou conforme a superficie plana*, pelo escultor J. Bell (1). Como o auctor explica, no prefacio, propõe-se « fornecer ao alumno um meio simples e por tanto logico de se instruir »; e para este fim começa por um certo numero de definições no genero d'estas: « Uma linha simples, em desenho, é um traço ligeiro que vai d'un a outro ponto.

« As linhas em desenho podem ser divididas em duas classes:

« 1.º A linha recta que vai d'un ponto a outro pelo caminho mais curto: exemplo A. B.

« 2.º A linha curva, que não vai d'un ponto a outro pelo caminho mais curto: exemplo C. D. »

E, neste tom, o professor ensina ao discípulo o que é uma linha horizontal, perpendicular, obliqua, quaes são as diversas especies de angulos e as diferentes figuras que constituem os angulos e as linhas. A obra, em resumo, é uma gramática da forma com exercícios. De modo que o sistema que consiste em formular uma rapida analyse dos elementos, no principio de um estudo, sistema banido do ensino das linguas, reaparece no ensino do desenho. Começamos pelo definido em vez de começar pelo indefinido: o abstracto precede ainda uma vez o concreto; a concepção scientifica as experiencias empíricas. Não necessitamos repetir que é inver-

ter a ordem natural. Disse-se com muita razão: o habito de encetar a practica de uma lingua pelas definições das partes do discurso e do seu emprego é quasi tão razoavel, como o seria a de preludiar o exercicio de marcha por um curso sobre os ossos, os musculos e os nervos da perna; outro tanto se pôde dizer da ideia de preludiar a arte de representar os objectos por uma nomenclatura e definições das linhas, taes como nol as apresenta a analyse. Estes pormenores technicos são ao mesmo tempo fastidiosos e inuteis. Desde o principio que fazem aborrecer o estudo; e não tem outro fim senão ensinar o que a creanca está certa de apprender sem pensar em tal pelo uso. Assim como apprende sem auxilio do diccionario o sentido das palavras que se pronunciam deante d'ella, sem esforço e mesmo com prazer apprenderá por meio de observações sobre os objectos, sobre as pinturas e sobre os seus proprios desenhos; os termos technicos, que, pretendem ensinar-lhos em primeiro logar, serão para ella fastidiosos mysterios.

Se podessemos confiar nos principios geraes de educação que estabelecemos, as lições do professor deveriam acompanhar o progresso dos esforços da creanca, que já apresentámos como tão dignos de incitamento. Quando os ensaios voluntarios do alumno lhe tiverem proporcionado alguma firmeza de mão e alguma ideia da proporção, começará vagamente a conceber os corpos como que apresentando as tres dimensões na perspectiva. E quando, depois de muitos ensaios mais ou menos importunos para representarem sobre o papel esta apparencia, se lhe formar no espírito uma ideia do que é preciso fazer para isso, e um desejo de o chegar a fazer, poderá-se-ha dar-lhe uma primeira lição de perspectiva empirica, por meio do apparelho que ordinariamente se emprega para explicar scientificamente as leis da perspectiva. Talvez que isto assombre; mas a experiençia ahi está bem clara e interessante para toda a creanca d'uma intelligencia ordinaria. Uma placa de vidro, collocada por fórmula que esteja verticalmente sobre a mesa, se interpõe entre os olhos da creanca e um objecto qualquer, um livro por exemplo. Recomenda-se-lhe que não mude o ponto de vista e que marque a tinta sobre o vidro os angulos do objecto. Em seguida diz-se-lhe que una esses pontos por meio de linhas; e depois de o ter feito, verifica

(1) O titulo inglez da obra é «OUTLINE FROM OUTLINE, OR FROM THE FIAT bi John Bell, scultors.

que essas linhas seguem os contornos do objecto. Applicando então uma folha de papel atraz do vidro, faz-se-lhe ver que as linhas que ella traçou representam o objecto tal como o viu. Não somente elles reproduzirão a apparencia, mas comprehende que lhe são realmente semelhantes, pois que lhe seguiram os contornos; e pôde por si propria convencer-se, collocando e retirando o papel detraz do vidro tantas vezes quantas queira. O facto a seus olhos é novo e impressionador. Contém a demonstração experimental de que as linhas de certa extensão, collocadas em certas direcções n'uma superficie plana, podem representar linhas d'uma outra extensão e ocupando outras posições no espaço. Mudando a posição do objecto colocado atraz da placa de vidro, a creança pôde ser levada a observar como é que certas linhas se encurtam e desaparecem e como outras aparecem e se prolongam. A convergência das parallelas e todos os factos principaes da perspectiva podem d'esta forma e por ordem ser-lhe demonstrada pelo professor. E, se o alumno está habituado a proseguiir sem auxiliar, sentirá prazer, se o aconselharem a desenhar essas linhas sobre o papel apenas com o auxilio da vista; será para elle um triunfo produzir um desenho, cuja exactidão elle de seguida verificará, comparando-o com o esboço traçado sobre o vidro. E d'esta forma que elle adquirirá pouco a pouco, por um methodo simples e agradável, o habito de observar as apparencias lineares dos objectos e a facilidade de as reproduzir sem passar pelo processo inintelligivel e mechanico de copiar os desenhos dos outros. Addicionae a esta vantagem que o alumno apprende por este meio, sem dar por isso, a verdadeira theoria da pintura: a saber, que é um delineamento dos objectos tais como se nos apresentam quando são projectados sobre uma superficie plana, interposta entre elles e a nossa vista, e que apenas chega a edade de começar o estudo scientifico da perspectiva, elle conhece já perfeitamente os factos que constituem a sua base organica.

Como exemplo d'uma maneira racional de fazer comprehendér ás creancas as primeiras ideias de geometria, nada melhor podemos fazer do que citar a seguinte passagem, extraida de Wyse:

«Acostumou-se uma creanca a servir-se de cubos para apprender a arithmetica;

sirva-se tambem d'elles para adquirir os elementos da geometria. Quizera começar pelos solidos, o contrario do que de ordinario se faz Dispensavam-se assim definições absurdas e más explicações sobre o ponto, a linha, a superficie, que não são mais do que abstracções... Um cubo apresenta muitos dos elementos principaes da geometria: pontos, linhas rectas, linhas parallelas, angulos, parallelogrammos, etc., etc. Este cubo é divisivel por partes. O alumno está já familiarizado com essas divisões na numeração, e agora, passa á comprehensão d'essas partes e das suas relações entre si... Em seguida progride do cubo para a esphera, da qual tira noções elementares sobre o circulo, sobre a curva em geral, etc., etc.

« Quando se familiarisou sufficientemente com os solidos, podem substituir-se pelas superficies planas. A transição tornar-se-ha muito facil. Por exemplo, corte-se o cubo em partes delgadas e expõham-se estas sobre o papel; a creança verá tantos rectangulos planos, quantas secções fez. Outro tanto succede com os demais solidos. A' esphera far-se-ha o mesmo; a creança apprenderá por esta forma qual é a geração real das superficies, e poderá em seguida facilmente abstractil-as de todo o solido.

« Logo que adquiriu o alphabeto da geometria e sabe ler esta sciencia, começa a escrevel-a.

« A operação mais simples, e por consequencia, a primeira, é collocar os seus planos sobre uma folha de papel e passar-lhe o lapis sobre os contornos, depois de ter feito isto muitas vezes, afasta-se o plano e recommends-se á creança que o copie, e assim por diante. »

Quando a creança adquirir, por qualquer methodo analogo ao que aqui propõe Wyse, uma certa somma de conhecimentos geometricos, pôde dar mais um passo, fazendo-lhe adquirir o habito de experimentar a exactidão das figuras feitas á vista: excitando-lhe d'esta forma o desejo de as fazer exactas e mostrando-lhe a dificuldade. Não soffre duvida que a geometria tenha a sua origem (como demais a palavra indica) nos methodos inventados pelos homens de officios para medirem exactamente as dimensões de um edificio, a superficie de qualquer espaço confinado etc., e só se chegou a reunir as verdades geometricas n'um corpo tendo em vista a sua utilidade.

immediata. E' d'esta forma tambem que convém apresental-as ao alumno Fazendo-o talhar bocados de cartão para edificar o seu castello de cartas ; desenhar diagrammas ornamentaes que pintará ; preoccupando-o com diversas cousas que um professor intelligente saberá inventar, pôde-se, durante um certo tempo, deixal-o effectuar as suas tentativas elle proprio, como as praticou o constructor primitivo. Por experienzia apprenderá d'este modo qual é a difficultade de chegar ao fim auxiliado apenas pelos sentidos. Caminhando por esta fórmula, logo que tenha desenvolvido o seu poder de percepção, chegará a edade de se servir do compasso, apreciar-lhe-ha a vantagem, mas continuará a ser incommodado pela imperfeição do methodo approximativo. Podem deixal-o neste ponto do seu rumo durante algum tempo. Em primeiro logar por ser muito joven para se elevar mais alto ; em seguida, porque é de desejar que experimente ainda mais a necessidade de processos systematicos. Se a aquisição de conhecimentos deve tornar-se constantemente interessante para elle ; e se no primeiro periodo da civilisação do individuo, como no primeiro periodo da civilisação da raça, não se apreciou a sciencia senão como auxiliar da arte, é evidente que a verdadeira preparação para o estudo da geometria é um longo exercicio nestas artes de construccion, que a geometria tornará mais facil. Notae que ainda aqui a natureza nos indica o caminho. As creancas revelam um gosto pronunciado por edificar, por cortar objectos de papel, gosto que, se for animado e dirigido, não só prepara o caminho para as concepções scientificas, como desenvolve essa dextreza de mão que tantas vezes falha.

Quando as faculdades de observação e de invenção tiverem adquirido n'ella a força necessaria, poder-se-ha iniciar o alumno na geometria empirica, isto é na geometria que dá soluções methodicas, mas que não as demonstra. Como todas as restantes transições, em educação, esta deve ser feita fortuita e não formalmente ; e a relação da geometria com a arte de edificar deve continuar a utilisar-se. Ensinar a fazer ao alumno com cartão um tetraedro. semelhante aquelle cujo modelo lhe mostram, é interessal-o a resolver um problema que servirá convenientemente de ponto de partida. Em primeiro logar elle vê que para con-

seguir esse fim deve traçar quatro triangulos equilateros dispostos em certas posições. Como o não pôde fazer com exactidão, na ausencia d'un methodo exacto, ao dispôr os triangulos nas suas posições respectivas, vê que os seus lados não se ajustam e que os angulos não se encontram no vertice. Pôde se-lhe então fazer ver, descrevendo dois círculos, como é que esses triangulos podem ser traçados d'un modo seguro e correcto ; e depois do seu precedente revez, sentir-se-ha satisfeito com esta descoberta. Depois de ter por esta fórmula secundado a solução do seu primeiro problema, afim de lhe mostrar a natureza dos methodos geometricos, é preciso, de seguida, deixal-o resolver elle só, como melhor podér, as questões que se lhe apresentarem. Dividir uma linha em duas partes iguais, levantar uma perpendicular, descrever um quadrado, dividir um angulo, traçar duas linhas paralelas, construir um hexágono são problemas que resolverá por si proprio com alguma paciencia. E d'aqui conduzil-o-hão a outros mais complexos, que conseguirá sempre resolver, se lhe prestarem bastante atenção. Por certo que muitas pessoas, educadas na antiga disciplina, duvidarão da verdade d'esta assertão. Todavia nós falamos por experienzia, e numerosos são os factos que podemos citar. Temos visto uma classe completa de creancinhas interessarem-se por tal modo com a solução de tal ou tal problema, que aguardavam a sua lição de geometria como o maior acontecimento da semana. Ultimamente, ouvimos falar d'uma escola de meninas, em que muitas educandas se ocupavam voluntariamente de questões geometricas nas horas vagas das aulas ; e d'uma outra escola, onde não sómente faziam o mesmo, como além d'isso, uma das meninas pedia problemas para resolver em casa durante as ferias : reproduzimos estes factos confiados na autoridade do professor. Que prova da possibilidade e do valor do desenvolvimento espontaneo ! Um ramo da sciencia que, ensinado como de ordinario se faz, é avido e fastidioso, torna-se assim, quando se lhe segue o methodo natural, extremamente interessante e profundamente util. Dizemos profundamente util, porque os seus effeitos não se limitam á aquisição de verdades geometricas, mas na mór parte dos casos fomentam uma revolução no espirito. Quantas vezes não deparamos

nós com creanças que os methodos usuaes escolares tornaram estupidas, por meio das suas fórmulas abstractas, os seus themes fastidiosos e repetições impertinentes—renascendo de um momento para outro, logo que deixaram de ser recipientes passivos e se tornaram, por seu turno, inventores. O desanimo inspirado a estas creanças por um máo systema de ensino, cedendo o logar a um pouco de sympathia, e a perseverança despertada, coroando o primeiro triumpho, podem operar uma completa revolução en toda a sua intelligencia. Não desconfiam de si proprias ; sentem que são capazes de alguma cousa. Pouco a pouco, á medida que um successo se adiciona a outro, o peso do desalento deixa de actuar sobre ellas, e arrastom com as difficuldades, em todos os ramos do estudo, com uma energia que dá antecipadameete a certeza de que as vencerão.

Algumas semanas depois que publicamos estas observações, o professor Tyndall (1) numa conferencia feita no instituto real, sobre a *importancia do estudo da physica como ramo de educação*, apresentava um exemplo concludente do mesmo facto. O seu testemunho, baseado em observações pessoaes, é de muito peso, para que o não citemos aqui :

« Um dos deveres que tive a preencher, diz elle, na epocha de que vos falei, foi o de reger um curso de mathematicas ; e observei habitualmente que a geometria de Euclides, quando se recorre á intelligencia, constitue um estudo muito attrahente para a juventude. Mas poupei sempre as creanças á rotineira do livro; e punha-lhes em jogo a sua iniciativa sobre questões sugeridas estranhamente a esta rotina. Vendo-se deslocada do caminho usual, a creança experimentava ordinariamente, ao principio, um certo desprazer, como que se sentisse desorientada ; mas nem uma só vez percebi que esse sentimento durasse. Quando via um alumno completamente desanimado, repunha-o contando-lhe a anecdota de Newton, atribuindo a diferença entre elle e os outros homens unicamente á sua maior

paciencia ; ou á de Mirabeau, prohibindo a um creado que dissera : tal cousa é impossivel, que nunca mais repetisse tão estupida palavra deante d'elle.

Por esta forma reanimado, voltou sempre sorrindo á sua tarefa, com um ar de duvida talvez mais resolvido a experimenter de novo. Vi os olhos da creança brilharem ; de seguida, cheia de um orgulho que recordava o delirio de Archimedes, exclamava : « Descobri, sr.! » Era d'um immenso valor o sentimento da sua propria força nella despertado ; e animado por esta forma o meu curso realizava progressos suprehendentes. Muitas vezes permittia aos alumnos que escolhessem os problemos enunciados no livro, ou que exercitassem as suas forças formulando outros. Nunca os vi preferir o livro. Estava sempre prompto a auxiliar-os quando julgava que o meu concurso se tornava necessario, mas de ordinario recusavam. Estas creanças haviam saboreado as docuras das conquistas intellectuaes, e procuravam a occasião de elles proprias ganharem victorias. Vi os seus diagrammas escriptos nas paredes e nas mesas das salas de recreio, e tive muitas outras provas do vivo interesse que tomavam pelos seus assumptos. Pela minha parte, em tudo que diz respeito á experienzia do ensino, eu era um novico e ignorava completamente as regras d'aquillo a que os allemães chamam pedagogia. Mas dedicava-me ao espirito de ensino tal como vem indicado no começo d'este discurso, e diligenciava fazer da geometria não um ramo, mas um meio de educação. A experienzia deu bom resultado ; e as melhores horas da minha vida são aquellas em que vi a vigorosa e alegre expansão das forças intellectuaes, para as quaes havia appellado ».

HERBERT SPENCER.

(Continua)

(1) J. Tyndall illustre sabio inglez, nasceu na Irlanda em 1820, tornou-se conhecido por numerosas conferencias e por diversas obras scientificas d'uma leitura attrahente, as quaes popularisaram rapidamente o seu nome,

## Bibliographia Brazileira

ANNO II — 30 DE SETEMBRO DE 1889 — BOLETIM XVII

**AVISO.** — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, litographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a notícia das publicações.

## Catalogo alphabetico das publicações brazileiras

## LIVROS

224 — CARLOS COSTA. Annuario Medico Brasileiro, correspondente ao 3.<sup>o</sup> anno (1888), fundado e dirigido pelo Sr. Dr. Carlos Costa, 1 vol. de 204 pag. em-16, typographia de Lombaerts & C.<sup>a</sup>. Rio de Janeiro.

225 — CARDOSO DA CUNHA. Ajudante juridico, contendo, em forma de abecedario, decisões dos tribunaes judiciarios e do governo geral, seguidas de algumas observações, e dois provimentos geraes de correção, por José Cardoso da Cunha, juiz de direito. (?)

226 — CASTRO LOPES. Mémoire écrit en portugais et en français, dédié aux savants astronomes MM. Faye et Schiaparelli, par M. le Dr. Castro Lopes. Rio (?).

227 — CUNHA TELLES. Caras conhecidas, breves estudos biographicos, por Sr. Matheus da Cunha Telles. Rio (?)

228 — ESTATUTOS da Sociedade União republica, fundada a 30 de Setembro de 1888, 1 vol. em-8.<sup>o</sup> de 13 pag. Typographia da Livraria Universal de Echnique & Irmão, Pelotas, 1889.

229 — ESTATUTOS do Club das Damas, aprovados pela assembléa geral em 31 de Setembro de 1889. Leopoldina.

230 — LACERDA. Desinfecção e prophylaxia individual contra as doenças intelectuosas, trabalho aprovado pela sociedade de hygiene publica americana, vertido do original inglez para o idioma vernaculo pelo Dr. J. B. de Lacerda. (?)

231 — LUIZ DE CASTILHO. Estudo da fabricação pelo processo da diffusão na Usina Duquerry em Guadelupe.

232 — SA' VALLE. Traços biographicos do Dr. A. da Silva Jardim (esboço de um livro), pelo Dr. R. de Sá Valle. Rio de Janeiro, 1889.

## Noticiario

IMPOSTO NA FRANÇA SOBRE LIVROS FRANCÉSSES IMPRESSOS NO ESTRANGEIRO

Paris, le 22 Décembre 1880.

Monsieur Nicolao Alves

Rua Gonçalves Dias, 48

Rio de Janeiro

Nous vous confirmons notre lettre du 18 ct.

Votre lettre du 15 novembre nous a annoncé une caisse de livres que nous est arrivée ce matin.

Les livres *français retournés* et les livres en *langue portugaise* n'ont presque rien payé à la douane. Mais, pour les 300 volumes de Mr. Freire sur la Fièvre jaune, cela a été tout différent; — comme ce sont des livres en *français* imprimés dans un pays qui n'a pas de traité de commerce ni de convention littéraire avec la France, nous avons eu à payer un droit de douane à raison de 120 francs les 100 kilogrammes! Ce qui a fait pour les 120 kilog. et les 10 % une somme de 150f 01. — Bien heureusement il n'y avait pas d'estampe ni de gravures sur bois dans le texte; car, alors, le droit de douane eût été de 360 fr. le 100 kilog.

En définitive nous avons eu à payer pour cette caisse:

Port jusqu'à notre domicile . . Fr. 28.40

Droit sur le papier entrant en

France . . . . .	»	15.77
------------------	---	-------

Droit de douane sur la librairie en langue française imprimée à l'étranger . . . . .	»	150.00
--	---	--------

Total . . . . .	»	194.11
-----------------	---	--------

Plus notre commission 5 % . . .	»	9.70
---------------------------------	---	------

Veuillez donc nous créditer de ...	»	203.81
------------------------------------	---	--------

Nous attendons vos ordres pour savoir ce que nous devrons faire de ces livres.

Agréez, Monsieur, nos cordiales salutations.

V. J. P. AILLAUD, GUILLARD & C.

## LIVROS A' VENDA

NO

## LIVRARIA CLASSICA

43 RUA GONÇALVES DIAS 48

**Arithmetica e Systema Metrico**

*Arithmetica da infancia e metrologia* por Monsenhor C. Couturier, 3. edição, 1 vol. cart. \$400

*Elementos de arithmetica* por João José Luiz Vianna, obra adoptada pelo Governo, na escola naval e em outros estabelecimentos de instrucção, 3. edição correcta e melhorada, 1 vol. cart. 4\$000

*Arithmetica de vóvo* ou historia de dous meninos vendedores de maçãs, por João Macé, 1 vol. br. \$500

*Curso de arithmetica theorica e practica*, por Antonio Zeferino Cândido, 1 vol enc. 4\$000

*Arithmetica das escolas primarias* organizada de accordo com os relativos preceitos pedagogicos, por Felisberto R. Pereira de Carvalho, 1 vol. cart. \$800

*Guia Pedagogica de calculo mental e uso do contador mecanico ou arithmometro no ensino elementar da arithmetica*, tradução e adaptação às nossas escolas pelo Dr. Alambaby Luz, 1 vol. 2\$000

*Arithmetica para instrucção primaria*, adoptada p'la inspectoria geral da instrucção publica com approvação do governo imperial, pelo conselheiro senador C. B. Ottoni, Segunda edição correcta e melhorada, 1 vol. in-12. 1\$000

*Arithmetica, metodo para aprender a contar com segurança e facilidade*, por Condorcet, 1 vol. cart. \$600

*Arithmetica para crianças*, organizada para uso das escolas primarias, por Azevedo Pinheiro, bacharel. Quinta edição correcta e melhorada, 1 vol. \$800

*Explicador de Arithmetica*, por Eduardo de Sá, bacharel em mathematicas e sciencias physicas e naturaes, obra apropriada aos alumnos das academias militar e de marinha, do instituto commercial, aspirantes a empregados publicos, negociantes, artistas, etc., em collaboração com seu filho o en-

genheiro Crokatt de Sá. Setima edição correcta e augmentada com muitas notas intercaladas no texto, 1 vol in-8. 3\$000

*Systema metrico decimal*, para uso das escolas primarias, pelo professor publico João Rodrigues da Fonseca Jordão, 1 vol. com as figuras representando os novos pesos e medidas, 1 vol. \$800

*Systema metrico decimal*, redigido pelo Dr. Americo Monteiro de Barros, 1 volume br. 1\$000

*Rudimentos arithmeticos ou taboadas* por A. M. Barker. Nova edição correcta e augmentada com uma nova explicação do sistema metrico decimal, por um professor de instrucção primaria de Minas Geraes, para uso das escolas publicas, 1 vol. in-32. br. \$100

**Algebra**

*Elementos de algebra*, compilados pelo Exm. Sr. conselheiro senador C. B. Ottoni, compendio adoptado pelos estabelecimentos de instrucção superior e secundaria do imperio do Brazil. Quinta edição correcta e augmentada com notas intercaladas no texto, 1 vol. in-8. 3\$000

*Algebra elementar*, (lições extrahidas dos melhores autores), segunda edição correcta reorganizada e accrescentada com numerosos exercícios, 1 vol. in-8. 1\$000

**Geometria e Trigonometria**

*Elementos de geometria e trigonometria rectilinea*, compilados pelo Exm. Sr. conselheiro senador C. B. Ottoni. Sexta edição mais correcta e augmentada, e com numerosas notas e figuras intercaladas no texto e impressas em typo menor, 1 vol. in-8 5\$000

**Geographia**

*Geographia geral*, (curso) pelo bacharel Alfredo Moreira Pinto, 1 vol. cart 3\$000

*Geographia-Atlas*, contendo oito mappas seguida d'um ligeiro esboço chronologico da historia do Brazil e de algumas noções de cosmographia, dedicado a infancia por monsenhor C. Couturier, segunda edição, muito melhorada, pelo bacharel Alfredo Moreira Pinto, 1 vol. obl. 1\$000

*Geographia geral do Brazil*, por A. W. Sellin, traduzida e consideravelmente augmentada, por J. Capistrano de Abreu, 1 vol. cart. 2\$500

*Geographia da província do Rio Grande do Sul*, adornada com mappas coloridos, por Hilario Ribeiro, 1 vol cart. 2\$000

*Noções de geographia geral*, pelo Dr. Moreira Pinto, segunda edição, muito melhorada, 1 vol. com illustrações. 1\$000

*O Brazil em 1889—Geographia das províncias do Brazil*, pelo Dr. Moreira Pinto, obra premiada pelo jury da exposição pedagogica, terceira edição, muito aumentada e ornada de gravuras. Adoptada na Escola Normal da Corte, na Escola Normal da Província do Rio de Janeiro, na de S. Paulo, etc. 3\$000

*Chorographia do Brasil* (Rudimentos), para as escolas primarias, pelo Dr. Moreira Pinto, 1 vol. 1\$000

*Elementos de geographia physica*, contendo a descrição especial de cada paiz e organisados por J. C. M. Bittencourt, 1 vol br. \$500

*Conheçamos nossa patria*, colleção de bellos chromos representando a carta geographica de cada província, pelo Dr. Menezes Vieira, 1 vol meia cartonagem. 1\$000

### Historia

*Noções de historia universal*, adoptada ao ultimo programma, pelo Dr. Moreira Pinto, 2 edição, 1 vol. 3\$000

*Epitome da historia do Brazil*, pelo Dr. Moreira Pinto, 2 edição illustrada. 1\$000

*Historia antiga do Oriente*, por João Maria da Gama Berquó, 1 vol. br. 1\$500

*Historia da Grecia e de Roma*, por João Maria da Gama Berquó 1 vol. br. 2\$000

*Historia universal* (noções summarias) por João Maria da Gama Berquó. 1 vol. cart. 5\$000

*Historia universal* (rudimentos) tradução de D. Maria Emilia Leal, 1 vol. cart. 2\$000

*Nossa Historia Patria*, contendo as seguintes estampas: I Pedro Alves Cabral tomando posse do Brazil. II Anchieta, o apostolo do novo mundo. III O oceano é o unico tumulo digno de um admirante batavo. IV O bravo gamilheiro Henrique Dias. V Os bandeirantes 1707-1750. VI Execução do Tiradentes—21 de Abril de 1792. VII Independencia ou morte! pelo Dr. Menezes Vieira, 1 vol. in-folio cart. 8

### Philosophia

*Manual completo de philosophia*, por E. Ponelle, 2 edição Rio 1853, 1 vol. in-8 1\$000

### Francez

*Novo metodo pratico e facil*, para aprender-se a lingua franceza com muita rapidez, pelo Dr. F. Ahn, adaptado ao uso dos brasileiros, por F. de Oliveira, 1 vol. 1\$500

*Grammatica Franceza*, por Lhomond 1\$000  
*Fables de Lafontaine*, choisies et annotés, 1 vol. enc. \$500

*Beautés de Chateaubriand*, ou morceaux choisis des Martyrs et du Génie du Christianisme suivis des beauté du Théâtre Classique Français 3\$000

### Lingua Ingleza

*Novo metodo pratico e facil* para aprender a lingua ingleza com muita rapidez, Dr. pelo F. Ahn, adaptado ao uso dos brasileiros, por F. de Oliveira, 1 vol, 1\$500

*Adaptação do novo curso pratico*, analytico, theorico da lingua ingleza de T. Robertson, ao ensino da mocidade brasileira, por Joaquim Russell, 3 tomos enc. em 1 vol. 7\$000

*Grammatica practica da lingua inglesa*, obra aprovada pelo conselho director de instrucção publica e adoptada no imperial collegio D. Pedro II, e nos principaes estabelecimentos litterarios do imperio, pelo Dr. F. da Motta. Setima edição, 1 vol. in-12 5\$000

*Novo metodo pratico e facil*, para aprender a lingua ingleza, por Graeser, segundo os princípios de F. Ahn, modificado e adaptado a lingua ingleza, por Pacheco Junior, 1 vol. in-12, 3. edição cart. 1\$500

*Nova grammatica theorica e practica da lingua inglesa*, segundo o metodo de Otto, por 1 vol. in-16 (em preparação) \$

*Evangeline*, by Longfellow, 1 volume enc. \$500

*The Vicar of Wakefield*, Goldsmith, 1 vol. enc. 1\$000

### Lingua Italiana

*Novo metodo pratico e facil*, para aprender-se a lingua italiana com muita rapidez, pelo Dr. F. Ahn, adaptado ao uso dos brasileiros, por F. de Oliveira, 1 vol. 1\$500

*Guia de conversação*, em italiano e portuguez, por Alberto de Gervais, 1 vol. cart. 1\$000